

NOTÍCIAS DOS JORNAIS

Mais um menir em Reguengos de Monsaraz

Foi descoberto um menir na herdade das Vidigueiras, concelho de Reguengos de Monsaraz, a poucos metros das antas estudadas pelos Leisner.

O referido monólito tem cerca de três metros de altura por um de largura e uma covinha na face exposta.

Época de 4-1-1972.

Achados arqueológicos em Vitorino de Piães (Ponte de Lima)

No lugar de Castro, daquela freguesia, localizado na margem esquerda do Lima, encontraram-se várias peças de interesse arqueológico (mós, fragmentos de cerâmica romana) que foram recolhidas na igreja local, à guarda do rev.º João Martins Baptista.

Jornal de Notícias de 4-1-1972.

Curso de Arqueologia na Universidade de Lourenço Marques

O prof. D. Fernando de Almeida, director da Faculdade de Letras de

Lisboa, vai reger, na Universidade de Lourenço Marques, durante três semanas, um curso sobre Arqueologia, de seis lições, subordinadas aos seguintes temas: «Arqueologia, ciência actual»; «Origem do Povo Português até à Época Árabe»; «Riqueza mineira da faixa ocidental da Península Ibérica»; «Jóias arcaicas do território metropolitano»; «A cidade, o campo e o mar na Lusitania Romana»; e «Dois museus: Nacional de Arqueologia, em Belém e de S. Miguel de Odrinhas», Sintra.

Diário de Notícias de 6-1-1972.

Povoado das Malhadas (Palmela)

O Dr. Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares descobriram um povoado da Idade do Cobre no local em epígrafe, que se situa numa elevada colina de encostas íngremes, em cujo sopé da vertente sul fica o conjunto de casas da Fonte do Sol.

O espólio ali exumado é constituído por instrumentos líticos, resíduos de fundição de cobre, fragmentos de cerâmica lisa e decorada e restos de ali-

mentação constituídos por ossos e conchas de moluscos. Apareceu, ainda, um vaso que pela sua forma (prato) e decoração parece ser único no domínio da cerâmica e da técnica campaniformes.

Diário de Notícias de 9-1-1972.

Gravuras rupestres descobertas em Fratel (Vila Velha de Ródão)

Num banco xistoso, com cerca de 1700 metros de extensão e 150 metros de largura, que de Fratel se estende ao longo da margem direita do rio Tejo para jusante, foi identificada uma importante estação de arte rupestre pelos jovens arqueólogos Francisco de Sande Lemos, Jorge Pinho Monteiro, Maria de los Angeles Querol e Susana Rodrigues Lopes.

Entre as centenas de motivos gravados, por simples contorno ou a cheio, existem ali representações antropomórficas, zoomórficas, astrais e abstractas.

As gravuras apresentam-se quase sempre em conjuntos, com um número variável de figuras, havendo também casos de petróglifos isolados.

Diário de Notícias de 20-1-1972.

Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Na reunião de Janeiro, o dr. Manuel Leitão apresentou um relato das prospecções arqueológicas que realizou em Portugal, nos últimos cinco anos, na companhia dos engenheiros C. T. North e Reynolds de Sousa em esta-

ções pré-históricas do Centro e do Sul do País, com a orientação dos drs. G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira e, em alguns casos, do prof. D. Fernando de Almeida e do dr. Farinha dos Santos.

Exemplificando com diapositivos, mostrou materiais arqueológicos de várias jazidas pré-históricas que descobriu, com a sua equipa, designadamente uma oficina de machados líticos mirenses, na foz do rio Mira, diversas antas alentejanas e várias estações paleolíticas de superfície.

Época de 28-1-1972.

Achado de moedas portuguesas

Na freguesia de Darque, concelho de Viana do Castelo, foi encontrado, ontem, um pote com 175 moedas, de cruzado, em prata, que datam entre 17622 (D. José) e 1836 (D. Maria II).

Aurora do Lima, de 22-2-1972.

Um método de escavação e estudos de Arqueologia Pré-histórica

Na sessão mensal da Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses, o Senhor António Maurício, do grupo de trabalhos arqueológicos do Bombarral, explicou as técnicas utilizadas na exploração da necrópole neolítica da Serra da Roupá e dos níveis mustierenses da Gruta Nova da Columbeira, desde o desmonte horizontal das camadas, à medição e registo tridimensional e à recolha dos objectos.

Salientou, em seguida, a importância da sedimentologia para uma mais rigorosa interpretação dos estratos e a necessidade de um estudo tipológico das peças com o propósito de determinar os necessários índices técnicos e constituir as listas-tipo.

Diário de Notícias de 26-2-1972.

Silo numa praça de Beja

Ao proceder-se na Praça Diogo Fernandes, de Beja, à demolição de um prédio, foi descoberto um silo.

Diário do Sul de 1-3-1972.

Problemas da cultura castreja

O Dr. Carlos Ferreira de Almeida, assistente da Faculdade de Letras do Porto, apresentou na reunião mensal da Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses, uma comunicação, com o título em epígrafe, na qual, a propósito da cultura castreja, afirmou tratar-se de uma civilização que se desenvolveu no Noroeste peninsular a partir do século IV a.C. e que terá tido o seu apogeu no século I da nossa era. Esta cultura transformou-se quando, mercê da romanização e já em pleno século III começaram a ter outro interesse pela agricultura e, descendo dos montes, vieram ocupar as planícies cultiváveis. Sendo a civilização castreja uma das mais personalizadas culturas da antiga Península, a sua tipicidade deriva, sobretudo do seu arcaísmo. Embora haja nelas influências «hallstáticas» tardias, bem notórias, ao lado de outras ibéri-

cas, ela é uma cultura profundamente residual. Isto é bem patente depois da análise da sua casa redonda, expressão do quotidiano, dos seus objectos, da sua economia e do seu ideal de vida. A sociedade era de base consanguínea como nos mostram a urbanística castreja, o seu modo de enterrar os mortos — debaixo ou ao lado da própria casa — e outros hábitos que autores clássicos nos deram a conhecer. O de há muito estudado, está cheio de problemas. O capítulo pior conhecido, da cultura castreja é no dizer de Cuevillas, o respeitante ao vasilhame ceramológico.

Diário de Notícias de 13-3-1972.

Mosaico romano descoberto no Olival (Vila Nova de Ourém)

No local em epígrafe, foi descoberto, quando se procedia à abertura de uma vala, um mosaico policromo e com característica decoração entrançada.

A Capital de 19-4-1972.

Ruínas em Casegas (Covilhã)

No sítio da saída da estrada para o Sobral de S. Miguel foram encontradas salas quase intactas quando se procedia a escavações para os caboucos de uma casa.

Notícias da Covilhã de 13-5-1972.

Arte rupestre de Fratel (Vila Velha de Ródão)

Na reunião mensal da Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos

Portugueses, o grupo de trabalho que identificou uma importante estação de arte rupestre, na área em epígrafe, dirigido pelos drs. Eduardo Serrão e Vítor de Oliveira Jorge, revelou os resultados dos seus trabalhos.

Após definir o contexto geográfico, que abrange os bancos xistosos — grau-váquicos do Vale do Tejo, compreendidos entre Fratel e Montezinho, mostrou, em diapositivos, os principais motivos das gravuras insculpidas na rocha, por meio de martelagem (figuras humanas, cervídeos e bovídeos, símbolos solares e abstractos).

Apresentou, depois, a síntese do significado da estação e respectiva cronologia, considerando a hipótese da mesma ter desempenhado as funções de santuário do culto solar relacionado com a zoolatria.

Novidades de 7-6-1972.

A estação mustierense da Quinta da Rosa (Rio Maior)

Na sessão da Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses, o dr. Georges Zbyszewski apresentou uma comunicação, com o título em epígrafe, de colaboração com os drs. Veiga Ferreira e Manuel Leitão e o eng.º C. T. North, na qual depois de indicar a posição da jazida na zona dos terraços quaternários a SE de Rio Maior, lembrou que, naquela região a matéria-prima que servia para o fabrico dos instrumentos pré-históricos existe em abundância nos terrenos mio-cénicos, donde foi extraída em todos os tempos desde o Paleolítico antigo até

à época moderna. Assim, ainda no princípio do século XX existiam na região de Rio Maior e em especial na povoação de Azinheira, oficinas de preparação de pederneiras para espingardas, cujos vestígios podem enganar, por vezes, arqueólogos desprevenidos.

A estação da Quinta da Rosa corresponde a uma pequena oficina pré-histórica que deu, até agora, cerca de 300 artefactos diversos, entre os quais diversos tipos de núcleos, numerosos instrumentos de sílex, quartzo e quartzito, bem como abundantíssimas lascas residuais.

O estudo da tipologia mostrou tratar-se de uma indústria mustierense típica.

Primeiro de Janeiro de 8-7-1972.

Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses para o triénio de 1972/75.

Nas instalações do Museu do Carmo, realizou-se a assembleia-geral da Associação dos Arqueólogos Portugueses para aprovação dos relatórios e contas da direcção e das secções e eleição dos novos corpos gerentes para o triénio de 1972-1975 daquela instituição.

A referida eleição, respeitante a 37 votos, de sócios presentes ou representados, deu lugar à seguinte votação: *Presidente*, Prof. D. Fernando de Almeida, com 37 votos; 1.º *Vice-Presidente*, dr. Joaquim Alberto Iria, com 27 votos; 2.º *Vice-Presidente*, dr. Octávio da Veiga Ferreira, com 31 votos; *Secretário-Geral*, dr. José Timéteo Montalvão Machado, com 20 votos; 1.º *Vi-*

ce-secretário, dr. Manuel Farinha dos Santos, com 34 votos; 2.º *Vice-Secretário*, Tenente-coronel Sacadura Falcão, com 35 votos; *Tesoureiro*, Rogério de Figueiroa Rego, com 21 votos.

Diário de Notícias de 17-7-1972.

Moedas hispânicas recolhidas na Cabeça de Vaiamonte (Monforte, Alto Alentejo)

Na sessão ordinária da Academia Portuguesa da História, presidida pelo marquês de São Paio, secretariado pelo prof. Damião Peres, o académico Manuel Farinha dos Santos apresentou uma comunicação com o título em epígrafe na qual começou por relatar a metodologia aplicada na exploração do grande povoado da Cabeça de Vaiamonte por uma brigada de trabalho do Museu Nacional de Arqueologia, de Lisboa, esclarecendo que identificara, num espólio de cerca de dez mil peças ali descobertas, 23 moedas hispânicas, umas só com legendas ibéricas, outras bilingues com inscrições ibéricas e romanas e, também, algumas com característico letreiro tartéssico.

De cerca de uma centena de oficinas que bateram moeda na Península Ibérica, nos últimos séculos do primeiro milénio antes da nossa era, encontram-se representadas treze na Cabeça de Vaiamonte, a mostrar a importância do Alto Alentejo na economia do final da Idade do Ferro.

Dessas oficinas monetárias, umas são do litoral como Salácia (Alcácer do Sal), Carteia e Undicescen (Ampúrias)

e outras são do interior como Cástulo e Ituci na orla do Guadalquivir, Celsa, Segóbriga, Ercavica e Barscunes na Meseta e no Vale do Ebro, além da nossa vila de Mértola, a antiga Myrtilis, conhecida dos autores clássicos.

Das moedas de Salácia, ora reveladas, uma delas, o asse, ainda que com a característica legenda indígena e a iconografia própria da cabeça de Hércules e dos dois golfinhos, apresenta a nova inscrição latina CANTNIP, nome de um magistrado que não era conhecido.

Neste conjunto, salientam-se as duas moedas de Ituci, feitoria púnica de que se conhecem três cunhagens ao longo dos dois últimos séculos antes da nossa era. Estas moedas têm na face principal um cavaleiro correndo com escudo redondo, lança e chapéu cónico de aba e, no reverso, um cavaleiro galopando, por baixo do qual, no exergo, se observa a legenda ibérica rica do respectivo topónimo.

A circulação monetária processou-se na Península Ibérica a partir do século Va.C. nas colónias gregas e nas feitorias púnicas do litoral. Nos séculos II e I antes da nossa era as oficinas multiplicaram-se.

Ainda que a maior parte das emissões se tenha verificado no Nordeste, acontece que no litoral sul da Península as feitorias cunharam moeda com os idiomas tartéssico e fenício e os símbolos da sua actividade dominante.

Em 40 a.C. desapareceram, definitivamente, as legendas ibéricas das emissões autónomas e o número das ci-

dades que ficou a cunhar moeda até à época de Augusto reduziu-se.

Por fim, entre 27 a.C. e 41 da nossa era, essas oficinas emitiram moedas com o nome dos imperadores Augusto, Tibério e Calígula.

O Alto Alentejo, onde a Cabeça de Vaiamonte se integra, cultural e economicamente, se descobriram os citados 23 numismas, já era então zona de concentração de riqueza e fértil em cereais e azeite como os autores clássicos testemunharam.

Ainda que os numismatas considerem que a moeda hispânica era escassa na Lusitânia, não há dúvida de que este conjunto de 23 moedas de doze oficinas pode contribuir para uma melhor compreensão da economia das populações que, na Idade do Ferro, transitaram para um estilo de vida das civilizações históricas.

Diário de Notícias de 17-6-1972.

Coroa do Frade — uma fortificação da Idade do Bronze Final dos arredores de Évora — Escavações de 1971

Na reunião mensal da Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses, o dr. José Morais Arnaud apresentou uma comunicação com o título em epígrafe na qual depois de se referir à localização geográfica da estação, que fica situada num cabeço em forma de esporão, entre Évora e Valverde, na serra de Montemuro, aludiu à história do achado.

Trata-se duma estação arqueológica da maior importância, quer pela sua

grandeza intrínseca quer, por ser o primeiro povoado puramente fortificado da Idade do Bronze Final identificado no Alentejo e um dos mais bem conservados da Península. A muralha interior tem um perímetro de cerca de 400 m, e é reforçada, nas vertentes mais acessíveis, por linhas defensivas secundárias, sendo a extensão total do amuralhado de cerca de 1 km.

Nas três trincheiras transversais à muralha, que se abriram, verificou-se que esta tinha uma espessura média de 3 metros. Junto à face interna da muralha, encontraram-se chãos de cabana com as respectivas ladeiras. Quanto aos materiais recolhidos, têm uma notável coerência cronológica e tipológica, que coincide com a grande clareza dos elementos estratigráficos observados.

Destacam-se, além de quase uma centena de fragmentos de moinhos manuais, grande quantidade de cerâmica de vários tipos, nomeadamente vasos carenados, vasos brunidos com decorações geométricas, considerados por alguns autores como tartéssicos, contas de colar de âmbar, de fibrolite e ágata e vários ornamentos e armas de bronze.

O comunicante estabeleceu, por último, um paralelo entre a Coroa do Frade e as estações da mesma época, nomeadamente a Lapa do Fumo (Sesimbra), o Castro dos Ratinhos (Moura), o Cabeço dos Moinhos (Mafra), o Castro de Pragança (Montejunto) e o Castro do Vimeiro (Torres Vedras) e propôs a cronologia de 600 a.C. para

os estratos do Bronze Final destas estações.

A Época de 20-7-1972.

Moedas romanas descobertas na Herdade da Retorta (Montemor-o-Novo)

No decurso do assentamento de uma balança na Herdade da Retorta (Cabrera, Montemor-o-Novo) foram achadas, há cerca de 3 meses, 128 moedas romanas, das quais 122 de prata e 6 de ouro.

A Defesa de 12-8-1972.

Forno crematório na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira)

Uma equipa da Faculdade de Letras do Porto, dirigida pelo dr. Carlos Ferreira de Almeida, descobriu na Citânia de Sanfins um forno crematório, que há vários anos era procurado. Aparentando boa conservação, o forno encontra-se perfeitamente definido assim como a galeria e os respectivos tanques.

A Capital de 16-9-1972.

Zona de protecção arqueológica de Mileu (Guarda)

Uma portaria do Ministério da Educação Nacional, hoje publicada na II série do «Diário do Governo», fixa o perímetro de protecção da capela da Nossa Senhora de Mileu, Guarda, considerada como imóvel de interesse pú-

blico e abrangendo a estação arqueológica da Póvoa do Mileu, igualmente classificada de interesse público.

República de 21-9-1972.

II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses

As II Jornadas em epígrafe foram consagradas à memória do Prof. Joaquim Fontes e realizaram-se em Lisboa e arredores nos dias 13, 14 e 15 de Outubro de 1972.

As sessões de trabalho e os actos comemorativos efectuaram-se no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, de Lisboa, em virtude da sede da referida Associação se encontrar em obras.

Presidiu à sessão inaugural o Dr. João Manuel Bairrão Oleiro, director-geral dos Assuntos Culturais, ladeado pelo presidente da Câmara Municipal de Sintra e pelo Prof. D. Fernando de Almeida, presidente da Associação.

A oração de abertura esteve a cargo do Prof. D. Fernando de Almeida que falou do Doutor Joaquim Fontes como arqueólogo. A propósito referiu-se às primeiras descobertas do homenageado em 1910, quando ainda era aluno do Liceu Camões, na importante estação paleolítica de Casal do Monte, situada nos arredores de Lisboa. Historiou, depois, a actividade arqueológica do Prof. Joaquim Fontes que, a par de uma bem sucedida vida profissional como catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa, se dedicou sempre, e com os melhores resultados, à arqueologia.

Falou, a seguir, sobre as pesquisas que aquele eminente professor fez nas estações paleolíticas de superfície dos arredores de Lisboa, nomeadamente em Alferragide, Damaia, Casal da Serra e Moinho das Cruzes.

O Prof. D. Fernando de Almeida debruçou-se, também, sobre a actividade de Joaquim Fontes nos anos 20 e 30, citando, a propósito, o estudo «O homem fóssil em Portugal» e as relações que o mesmo teve com arqueólogos de nomeada da sua época como Paul Chofat e Obermeier. Por último, fez referência à profícua actividade cultural que o homenageado desenvolveu como presidente da Câmara Municipal de Sintra, onde organizou as Jornadas Arqueológicas e lembrou que foi devido à sua acção que se constituiu o Museu de Odrinhas.

A seguir usou da palavra o Prof. Vítor Fontes, catedrático jubilado e irmão do homenageado para afirmar ser para si extremamente emocionante o significado desta reunião e agradeceu aos respectivos organizadores a realização destas Jornadas.

A encerrar a sessão, o Dr. Bairrão Oleiro referiu que é sempre com a maior satisfação que participa em trabalhos arqueológicos de que está afastado há alguns anos e recordou com saudade o Prof. Fontes que, durante muitos anos, foi seu colega na Junta Nacional da Educação.

A terminar, o Dr. Bairrão Oleiro felicitou a Associação dos Arqueólogos Portugueses por mais esta iniciativa do

maior alcance cultural e prometeu acompanhar interessadamente os trabalhos.

Seguidamente, o Dr. Bairrão Oleiro inaugurou a exposição bibliográfica dos estudos publicados pelo Prof. Joaquim Fontes, cuja obra se distribui por um período de 50 anos — de 1910 a 1960 — ao longo do qual publicou meia centena de trabalhos sobre temas arqueológicos, em diversas revistas nacionais e estrangeiras da especialidade.

As II Jornadas Arqueológicas prosseguiram, depois, com o seguinte programa:

Dia 13 de Outubro: sessões de trabalho à tarde e à noite; missa às 18.30 horas, na igreja dos Jerónimos, celebrada por D. Domingos de Pinho Brandão, bispo auxiliar do Porto, por alma dos sócios da Associação falecidos.

Dia 14 de Outubro: sessões de trabalho de manhã, à tarde e à noite; pelas 15 horas visita à sala de Joalheria Arcaica do Museu Nacional de Arqueologia, guiada pelo respectivo director.

Dia 15 de Outubro: visita de estudo a estações arqueológicas da margem sul do Tejo (povoado de Pedrão e porto lusitano-romano de Tróia, ambos nos arredores de Setúbal); visita ao Museu de Setúbal, que, para o efeito, inaugurou uma exposição dos materiais arqueológicos recolhidos no povoado do Pedrão; à noite, jantar de confraternização, nos arredores de Lisboa, com leitura das conclusões e encerramento das II Jornadas.

Participaram nas II Jornadas os seguintes arqueólogos estrangeiros: *alemães* — Hermanfrid Schubart e Konrad Spindler, respectivamente do Instituto Arqueológico Alemão, de Madrid e da Universidade de Friburgo; *franceses* — Jean Roche, da Sorbone e Françoise Mayet, da Universidade de Bordéus; *espanhóis* — Maria Dolores Garralda e Maria de los Angeles Querol da Universidade de Madrid e Maria do Rosário Lucas, da Universidade Autónoma de Madrid.

Inscreveram-se nas II Jornadas 80 participantes e foram apresentadas as seguintes 48 comunicações, o que revela o interesse suscitado por esta iniciativa:

Caetano de Melo Beirão — Cinco aspectos da Idade do Bronze e da sua transição para a Idade do Ferro no Sul do país.

Carlos Alberto Ferreira de Almeida — Problemas no estudo do Bronze Final no Entre-Douro e Minho.

Carlos Tavares da Silva (de colaboração com Joaquina Soares) — Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão, Setúbal; (de colaboração com Joaquina Soares e M. Farinha dos Santos) — Moedas hispânicas do povoado do Pedrão, Setúbal.

Christopher North (de colaboração com G. Zbyszewski, O. da Veiga Ferreira e M. Leitão) — Estação paleolítica de Monte Branco (Juromenha).

Domingos de Pinho Brandão — Gravuras rupestres da Mata da Casa Freixo, Marco de Canavezes.

Eduardo da Cunha Serrão (de colaboração com F. Sande Lemos, J. Pinho Monteiro e Maria de los Angeles Querol) — Notícias de novas descobertas no complexo de arte rupestre do médio curso do Tejo.

Eurico Gama — Objectos da Idade do Bronze no Museu de Elvas. Cabeceiras sepulcrais no Museu de Elvas.

Fernando Castelo-Branco — O suposto túmulo de S. Torpes era realmente um dólmen?

Fernando Lenhas — Comentário sobre a utilidade dos mapas de localização e dos quadros cronológicos em arqueologia.

E. Sande Lemos — Civilização keniense.

Gabriel Ribeiro Rocha Souto — Murallas afonsinas de Setúbal; novo contributo para o seu estudo e preservação.

Hermanfrid Schubart — O Bronze e El Argar.

Jean Roche — La place du Mesolithique ancien de Muge dans le cadre de la Peninsule Ibérique.

João Afonso Corte Real — Arqueotectonografia arqueológica incaica.

João Albino Pinto Ferreira — Lagares arcaicos de vinho no território de Freixo de Numão.

João Botelho Moniz Borba — A gipsoteca do Museu de Setúbal.

José Domingos Garcia Domingues — Referências textuais árabes, latinas e portuguesas a manumentos luso-árabes.

José da Encarnação — *Aracus Aracius Niceus*, uma divindade indígena venerada em Manique de Baixo (Alcabideche).

José Eduardo Morais Arnaud — Breve nota sobre as cerâmicas do Bronze final do castelo do Giraldo (Valverde, Évora). Notícia da destruição por uma pedreira de um povoado neo-eneolítico a SW de Carenque.

José Joaquim Justo — A aplicação de técnicas fotográficas à Arqueologia.

José Luís de Matos — O cerro da Vila (Quarteira, Algarve).

José Miguel da Costa — O tesouro do Gaio — Novos achados.

José Pires Gonçalves — Um novo menir no termo de Monsaraz.

Konrad Spindler — Um fecho de cinturão em bronze ibérico achado nas escavações arqueológicas de Magdalenberg, Villingen (Floresta Negra, Sul da Alemanha).

Leonel Ribeiro — Eneolítico de Montes Claros: 4.^a campanha de escavações.

Lereno Barradas — A cultura megalítica em Portugal.

Luís Coelho — Argantónio, uma nó-tula.

Manuel Farinha dos Santos — A estela decorada de Castro Verde.

Manuel Maria da Fonseca Andrade Maia — Sondagens realizadas no Cerro do Castelo de Manuel Galo: uma possível fortaleza romana. Vila romana de D. Pedro: primeira campanha de escavações (de colaboração com Maria Adelaide Garcia Pereira Andrade Maia).

Margarida Ribeiro — Estojo de prata do séc. XVII com a imagem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa.

Maria Adelaide Garcia Pereira Andrade Maia — Notas sobre a «terra si-

gillata» do Monte Manuel Gaio (Mértola). Enquadramento cronológico.

Maria Amélia Abally Horta Pereira da Silva Pinto — O cabeço da Conheira.

Maria Dolores Garralda — Las poblaciones del Neolítico y Calcolítico de Portugal en relacion com las del resto de la Península Ibérica.

Maria Elisabeth Figueiredo Costa Neves Cabral — Cinco lucernas da Barro-sinha, Alcácer do Sal.

Maria Luísa Abreu Nunes — As moedas romanas de Miróbriga.

Maria Manuel Baguinho Vitorino de Sousa — Loulé Velho.

Maria Manuela Alves Dias — Duas sepulturas do Bronze Final na Herdade da Marchica Nova (Ourique).

Maria do Rosário Lucas — La participation de los elementos naturales en la pintura esquemática del Barranco del Rio Duraton (Segovia).

Marquês de Abrantes — Siglas emblemáticas portuguesas.

Octávio Roza de Oliveira — Gravuras e pinturas rupestres de Moçambique.

Octávio da Veiga Ferreira (de colaboração com Victor Guerra) — A propósito de um fragmento de crânio com vestígios de trepanação, do Museu Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz; (de colaboração com M. Leitão e C. T. North). O povoado pré-histórico da Serra da Espargueira.

Vitor Manuel de Oliveira Jorge — Complexos industriais de seixos afeiçãoados no mundo: uma panorâmica. Novas escavações pré-históricas do litoral de Porto Covo, Sines.

Na reunião de encerramento destas II Jornadas foram aprovadas, por unanimidade, as seguintes conclusões:

1. A direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses congratula-se pela forma como decorreram os trabalhos das suas II Jornadas Arqueológicas, designadamente pelo largo e interessado concurso que a elas deram os jovens arqueólogos.

2. Os participantes nas II Jornadas Arqueológicas fazem votos para que sejam dadas à Junta Nacional da Educação possibilidades eficientes que lhe garantam uma rápida acção no sentido de proteger os lugares e os objectos de interesse arqueológico, sugerindo, a quem de direito, que sejam suspensos, desde já, quaisquer trabalhos públicos susceptíveis de provocar destruições em monumentos designadamente nos da necrópole neo-eneolítica da Conheira (Penhascoso, Mação).

3. Os participantes nas II Jornadas Arqueológicas consideram que é de louvar e de salientar a acção de certas entidades na defesa do património cultural da Nação, como modelarmente está a proceder o Gabinete da Área de Sines que não permite que se iniciem trabalhos públicos sem se efectuarem prospecções arqueológicas, seguidas ou não de escavações.

4. Os participantes nas II Jornadas pedem que seja eficazmente combatido o comércio de objectos arqueológicos com algum interesse de maneira a se-

rem conservados e expostos em lugar próprio.

5. Os participantes nas II Jornadas fazem votos para que seja definida a profissão de arqueólogo.

O Secretário das II Jornadas
Arqueológicas

Manuel Farinha dos Santos

Investigação Arqueológica em Sines

No Gabinete da Área de Sines foi criado em Junho último um grupo de trabalhos arqueológicos constituído por Manuel Farinha dos Santos, Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, para, antes de se iniciarem os trabalhos necessários à realização dos empreendimentos urbano-industriais previstos, serem tomados em consideração os numerosos achados arqueológicos efectuados na zona periférica da vila de Sines.

Assim tem-se procedido ao levantamento arqueológico das zonas que primeiramente vão ser revolvidas e efectuou-se já uma campanha preliminar de escavações sistemáticas numa necrópole da Idade do Bronze situada na margem direita da ribeira de Junqueira, Herdade da Provença, a cerca de 11 km de Sines.

Após a divisão do campo em quadrados de 5 m de lado e seguindo o sistema de cordenadas cartesianas, foram iniciadas as escavações em extensão, começando-se por retirar, em vasta área, a camada superficial numa espes-

sura de cerca de 0,20 m, o que permitiu pôr a descoberto as estruturas do monumento funerário. Procedeu-se à crivagem total das terras retiradas.

O espólio recolhido «in situ», na camada 2, de terra amarelada e bastante compacta, foi registado tridimensionalmente, assim como as estruturas postas a descoberto. As peças exumadas foram lavadas e marcadas com as referências essenciais e para cada uma delas elaborou-se uma ficha.

A escavação revelou um monumento funerário no qual foi possível identificar 28 sepulturas do tipo «cista», em que as melhor conservadas apresentam cobertura formada por uma grande laje ou, mais raramente, por várias placas.

Cada uma das sepulturas situa-se no interior de um «recinto tumular» de planta rectangular em regra contíguas, com uma disposição que faz lembrar um favo e que é limitado por lajes de um modo geral implantadas verticalmente.

Descobriram-se no seu interior restos dos «tumuli» constituídos por calhaus de grés ferruginoso, quartzo e grauvaque, pequenas placas de xisto e fragmentos de cerâmica.

A matéria-prima utilizada na construção das cistas e demais estruturas é quase só o xisto.

A orientação das sepulturas, bem como os recintos, faz-se principalmente segundo duas direcções: NNE-SSW e E-W. O espólio melhor representado é o cerâmico. Nele temos a

considerar quanto às condições de jazida dois grupos: o que foi recolhido no interior das sepulturas e o proveniente dos recintos tumulares.

A exploração das cistas deu um total de 8 vasos inteiros e o fragmento de um bordo, que se distribuem pelos seguintes tipos: hemisfério; ovóide; de parede e carena baixas; de colo estrangulado e nervuras verticais; de colo estrangulado e zonas de decoração horizontais. Nos recintos tumulares recolheram-se dois vasos quase inteiros, um de tipo hemisférico e outro de carena média decorado com nervuras verticais que abaixo da carena formam folhas elípticas. A restante cerâmica, que é a mais abundante apareceu fragmentada, fazendo parte dos «tumuli». Dentro deste material são frequentes as formas carenadas e esféricas sem decoração. Surgiram, também, fragmentos de bordos de grandes potes por vezes decorados com mamilos. Este conjunto cerâmico é bastante representativo da segunda fase da idade do Bronze do Sudoeste Peninsular e notável pela sua variedade tipológica.

O espólio metálico está representado por um punhal de cobre de chanfros e rebite que apareceu no interior de uma cista associado a um vaso de colo estrangulado e nervuras verticais, um vaso de parede e carena baixas, uma conta de ouro espiralada e duas contas de uma substância esverdeada.

O espólio osteológico é escasso; apenas duas sepulturas fornecem porções de ossos (numa recolheu-se também

parte de uma calote craniana e noutra um dente).

Além do conjunto de estruturas apresentado foram analisados nas proximidades dois outros núcleos de vestígios da mesma época, um dos quais sabemos já ser de carácter funerário. Apesar de o espólio exumado se achar ainda em estudo, parece poder concluir-se que se trata de uma necrópole da segunda fase da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular, com uma possível cronologia de 1100 a 800 anos antes de Cristo.

A necrópole de Provença revelou a sua originalidade não só pelo tipo de recintos tumulares como pela grande quantidade de fragmentos de cerâmica encontrada «in situ» nos mesmos recintos. Pensa-se que só depois de se proceder à análise química das terras contidas nas sepulturas e ao exame minucioso do espólio osteológico será possível estabelecer conclusões sobre outros aspectos das práticas funerárias.

Investigação e Desenvolvimento

Boletim Informativo da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, n.º 5, Dezembro de 1972.

Estátua descoberta em Ferragial de El-Rei (Alter do Chão)

O Sr. Aires Monteiro Coelho achou, na localidade em epígrafe, uma estátua, já mutilada, que se julga ser romana e mede 43 × 26 cm.

Diário de Notícias de 1-12-1972.

Alguns caracteres da indústria do concheiro mesolítico da Moita do Sebastião (Muge)

Na reunião mensal da Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses o Padre Jean Roche, da Sorbone, apresentou uma comunicação, com o título em epígrafe, em que esclareceu que tal indústria compreende uma utensilagem de pequena dimensão em síliex, peças em osso, seixos de quartzite talhados, sendo as duas primeiras destas séries características da estação arqueológica em referência..

Quanto à utensilagem microlítica em sílex considerou que existem duas características negativas: ausência de pontas tardenoisenses e de segmentos de círculo; e vários aspectos positivos: abundância de utensílios comuns (raspadeiras, furadores, denticulados), importância das lâminas de dorso abastido, triângulos e trapézios e frequência destes últimos (28 % do total dos instrumentos).

O Padre Roche assinalou, a seguir, que a indústria de Moita do Sebastião é diferente do Tardenoisense, mas aproxima-se da de La Cocina I.

Os instrumentos de osso são originais e não se encontram paralelos para a Península Ibérica, mas apresentam a mesma técnica das jazidas pós-glaciares da Alemanha do Norte e da Dinamarca.

Tal facto põe o seguinte problema: terá havido difusão da mesma técnica pelo litoral da fachada atlântica ou ve-

rificou-se simplesmente uma persistência das técnicas líticas magdalenenses?

Novidades de 5-12-1972.

Defesa dos testemunhos pré-históricos nas grutas

M. Farinha dos Santos proferiu, ontem, na sede do Centro Piloto de Arqueologia, do Secretariado para a Juventude uma conferência sobre «Defesa dos testemunhos pré-históricos existentes nas grutas, ilustrada com numerosos diapositivos.

Perante uma centena de universitários, membros daquele centro, o orador, depois de afirmar que uma gruta calcária é, muitas vezes, um rico arquivo dos restos de culturas humanas primitivas, estabeleceu a distinção entre os seguintes três tipos de vestígios que podem ser ali encontrados: níveis de habitação, santuários e necrópoles. Os níveis de habitação surgem, em regra — disse — à entrada das cavidades e não ultrapassam a área iluminada pela luz solar; os santuários característicos do ciclo mágico-artístico do Paleolítico Superior, revelam-se pelas pinturas, gravuras e baixos relevos que aparecem nos mais diversos lugares das grutas, desde a entrada até aos locais mais recônditos; e as necrópoles dos vários períodos a partir do Mustierense encontram-se nos locais mais diversos do percurso subterrâneo até mesmo na área do abrigo que lhe serve de acesso. Seguidamente, o dr. Farinha dos Santos referiu-se à necessidade dos espeleólogos examinarem com a maior

atenção as paredes, o tecto e o próprio chão, quando rochoso, com o objectivo de descobrirem traços ou manchas reveladoras de uma expressão artística.

A arte paleolítica — acrescentou — é essencialmente animalista e figurativa e encontra-se associada a estranhos sinais que, ao surgir, são como letreiros que indicam o caminho para as salas decoradas. Um terço ou grupo de sinais vermelhos ou pretos, alguns riscos horizontais ou dispostos em xadrez devem alertar sempre o espeleólogo. Serão um possível indício da existência de um santuário. Farinha dos Santos falou, depois, da eventual reutilização do subsolo para necrópoles de épocas diferentes e da provável conservação dos solos com pegadas pré-históricas, já endurecidas pela calcite, nos lugares mais interiores das cavidades. Depois de aludir aos tipos de achados que podem surgir à superfície ou a aflorar do solo e à maneira de os proteger até à chegada dos arqueólogos, Farinha dos Santos salientou a importância dos levantamentos topográficos das cavidades subterrâneas e evidenciou a necessidade de uma estreita colaboração entre espeleólogos e arqueólogos.

Diário de Notícias de 20-12-1972.

Arte rupestre do Vale do Tejo

Em reunião da Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses, o Dr. Eduardo da Cunha Serrão e os seus colaboradores Sande de Lemos e Pinho Monteiro apresentaram uma comunicação sobre a arte rupestre do Vale do Tejo, entre os rios

Sever e Ocreza, onde se situa um dos mais importantes complexos artísticos da Europa pré-histórica. O seu estudo sistemático, com levantamentos topográfico e fotográfico, moldagens e prospecções está a ser subsidiado pelo Ministério da Educação Nacional e pela Fundação Gulbenkian. Dado os espectaculares resultados obtidos na área portuguesa do Vale do Tejo, uma equipa espanhola orientada pelo Prof. Al-

magro e pela Dr.^a Maria Querol, ambos da Universidade de Madrid, tenciona em breve, procurar núcleos de idênticas gravuras rupestres do lado de lá da fronteira. Os grupos de trabalho dos dois países tencionam efectuar as suas pesquisas arqueológicas na mais estreita colaboração, designadamente no troço internacional do rio Tejo.

Novidades de 27-12-1972.

